



Editorial

“Propósitos e Propostas para a História da Ciência”

“Então”, dirá a pessoa de bom senso, num tom ligeiramente exasperado, “os fermentos existiam antes de Pasteur fazê-los?”
(Bruno Latour)

O que é ciência? É a primeira pergunta que se faz quando falamos em História da Ciência e da Técnica. E dessa pergunta, surgem muitas outras, como: por que uma disciplina que leva este nome está presente na grade curricular de uma graduação em História? E representada em uma linha de pesquisa de pós-graduação no departamento de História da Universidade Federal de Minas Gerais?

Desses pequenos questionamentos se desdobram desconstruções e reflexões. É dos *Science Studies*, dos quais a Teoria e História das Ciências fazem parte, que surge a possibilidade da pergunta: então os fermentos existiam antes de Pasteur fazê-los? Da forma como a ciência foi construída (e sabemos por quem) ela se colocou através dos séculos como dada, irrevogável e verdadeira. A História das Ciências vem, mais do que questionar esse lugar, isso já fizemos há muito tempo. Agora, debatemos, interrogamos, inferimos, construímos juntos o conhecimento e colaboramos não só para desconstruções, mas para construções dos muitos lugares da ciência e da história. A interdisciplinaridade, o diálogo e o incômodo estão em nossos propósitos mais profundos e primeiros.

Como sabiam os gregos antigos? O que de sua filosofia e cosmovisão se fez continuidade ao longo do tempo e serviu de base para outras formas de saber? Galeno, propositivo da teoria do sexo único, que regeu o estilo de pensamento anatômico até o século XVIII, entendia a existência de apenas um sexo que se manifesta de duas formas, o direito (masculino) e o avesso (feminino). Entendimento que serviu de alicerce para a construção das relações políticas, sociais, históricas e culturais entre os gêneros, demarcando lugares para homens e mulheres. Tucídides ao descrever a peste em Atenas, apontava as relações entre doença, o conhecimento médico e a influência dessas experiências no cotidiano. A experiência epidêmica permite vislumbrar muito mais do que a moléstia. Ela pode ajudar a desvelar a sociedade, a política e a economia de diferentes tempos e lugares.

No Medievo, quando Alquimia e Astrologia eram conhecimentos válidos e instrumentalizados, uma epidemia de uma doença venérea atingiu certa população. Podemos dizer



que era sífilis? Onde mora a doença e sua relação com o humano? Como bem pontuou Ludwik Fleck, não existe doença, mas pessoa doente. Quem ou o que é capaz de dizer a normalidade do corpo humano para se verificar que este está doente? E a relação do humano com a natureza, ao explicar a epidemia pela passagem de Vênus na casa de Escorpião, signo regente dos órgãos sexuais, como pode ser interpretada?

Já na Modernidade vemos as formas de conhecer e ver o mundo mudando. Com a Revolução Científica, continuidades e permanências entre medievo e moderno permitiram e provocaram inovações de ordem técnica que desembocaram, entre outras coisas, nas Grandes Navegações e no abalo do Heliocentrismo. Foi a partir do surgimento da observação como critério de cientificidade que, além de observar a linha do horizonte próxima, passamos a observar o céu, vale dizer com o mesmo instrumento. É esse critério que, ao longo do tempo, passa a balizar a experiência e experimentação como base para a ciência moderna.

E é à sombra do conceito de ciência formado durante o período moderno que os campos de conhecimento se ampliaram, especializaram e apropriaram. Encontramos exemplos deste movimento na História Ambiental - que emerge no contexto de crise ambiental dos anos de 1970 - ao pensar as relações entre sociedades e mundo natural, percebe na ciência e em suas modificações ao longo do tempo um caminho fundamental a ser percorrido, já que como conhecemos no mínimo afeta, para não dizer determina, como nos relacionamos com a natureza.

E então, adotando como conceito de ciência um conhecimento estruturado e validado, olhamos para nosso tempo presente e vemos a deslegitimação das Ciências Humanas. E olhar para a História da Ciência através dos séculos é olhar para os caminhos que o conhecimento tomou, lançando as bases do que seria entendido por verdades e mentiras, saberes válidos e inválidos e, principalmente, o direito de acreditar ou desacreditar de um dado, de uma informação, de uma pesquisa.

Ao historiador cabe o quando como motriz. Logo, à pergunta filosófica, “como conhecemos?”, acrescentamos o tempo. Pois como conhecemos depende de quando conhecemos, e mais, de onde também. Hoje, na conjuntura brasileira, as pesquisas em Universidade Pública sofrem com os cortes orçamentários promovidos por um governo ilegítimo amparado por um sistema judicial que realiza julgamentos e prisões arbitrárias, por motivações políticas.

Então insistimos: quais são os propósitos e propostas que a História da Ciência pode oferecer a tessitura da realidade passada e presente? Discutir o caminho temporal do conhecimento é muito mais que um desfile de encadeamentos de descobertas, invenções e controvérsias científicas. É ver que escolhas são políticas e moldadas à cultura, sempre permitidas pelo quanto,



quando, como e onde se sabe.

Ao divulgar nossa chamada de trabalhos, provocando com o desafio Propostas e Propósitos para a História das Ciências, nos questionamos se esse campo ainda seria uma história de historiadores ausentes. No entanto, ao receber grande número de artigos, ainda que nem todos estejam presentes nessa edição por diversos motivos, percebemos que não. Os historiadores da ciência estão presentes em diversas universidades, espalhados pelos estados brasileiros. Presença representada pela professora organizadora deste dossiê: Dra. Francismary Alves da Silva, professora da Universidade Federal do Sul da Bahia, ex-aluna do Departamento de História da UFMG e ex-conselheira desta revista, a quem agradecemos pela apresentação deste dossiê.

Agradecemos aos professores João Carlos Pires Brigola, JÓ Klanovicz e Martina Schlünder que gentilmente nos concederam as interessantes entrevistas que constam nas páginas finais desta edição da *Temporalidades*. Sem dúvida alguma, suas falas nos permitem pensar sobre a riqueza, bem como sobre os desafios em se fazer História da Ciência.

No ensejo, agradecemos ao Scientia - Grupo de Teoria e História da Ciência, pelo apoio na divulgação da chamada de trabalhos através de suas mídias. Agradecemos também a todos os autores que enviaram artigos para Dossiê Temático, artigos livres, resenhas e traduções. Para nós, da Revista *Temporalidades*, é uma satisfação imensa receber trabalhos de tamanha qualidade com temáticas tão diversas e necessárias.

O autor Augusto Diehl traz, em seu artigo “*‘Salvemos o Brasil da heresia’: analisando os discursos sobre os pentecostais na Revista Eclesiástica Brasileira (1941-1971)*”, ricas análises sobre os discursos, proferidos pelos agentes do clero católico nacional e veiculados pela Revista Eclesiástica Brasileira entre 1941 e 1971, acerca da expansão das igrejas pentecostais no Brasil.

Versando também sobre as relações entre sociedade e religião, Eduardo Matheus de Souza Dianna estuda, no artigo “*Com Deus e pela transformação social: notas sobre o “cristianismo subversivo” chileno no início dos anos 1970*”, a atuação do movimento “Cristianos por el Socialismo”, bem como da teologia da libertação no Chile durante o governo de Salvador Allende (1970-1973). Seu principal objetivo é compreender um possível diálogo mais amplo entre cristianismo e marxismo na América Latina.

No texto “*Amor e justiça no Tratado de Direito Natural de Tomás Antônio Gonzaga*”, Bruno Silva apresenta reflexões acerca da ligação entre Teologia Moral e direito no século XVIII no mundo ibérico, sobretudo em Portugal. O grande foco do trabalho foi entender como Tomás Antônio Gonzaga relacionou as ideias de amor cristão com ideias sobre exercício e prática da justiça.



Diego Warmling, por sua vez, no artigo “*O humanismo entre Maquiavel e Merleau-Ponty*”, analisa, como o próprio título indica, as modificações da ideia de humanismo entre o pensador Maquiavel, que escreve no século XVI, e o filósofo alemão Merleau-Ponty.

Em “*Uma análise preliminar acerca do viés ideológico do projeto político da Folha de S. Paulo e d’O Globo em 1994*”, Fabrício Ferreira de Medeiros, constrói uma argumentação acerca do pensamento político dos jornais Folha de São Paulo e O Globo, buscando compreender qual era o projeto político defendido por tais periódicos no contexto de 1994.

Encerrando a seção de Artigos Livres Filipe Arnaldo Cezarinho traz, por meio do artigo “*História e fontes da internet: uma reflexão metodológica*”, uma questão muito relevante e atual: uma reflexão teórico-metodológica sobre os principais desafios em torno do uso de fontes extraídas da internet para as produções historiográficas.

Karine Teixeira Damasceno resenha o livro “*Provas de liberdade: uma odisseia atlântica na era da emancipação*”, dos autores Rebeca Scott e Jean M. Hébrard. Além disso, Luccas Maldonado e Igor Otomo trazem a tradução do “*Discurso de Lord Byron a respeito da repressão contra os Ludistas*”. E Eliza Toledo e Lívia Santos trazem tradução do capítulo “*Femmes, genre et scence: objectivité et parti pris*”, da obra “*Introduction aux Science Studies*”, de Dominique Pestre para compor a 26ª edição da Revista *Temporalidades*.

O lançamento desta edição é, por sua vez, composto por vários significados. Ele marca a renovação da Comissão Editorial, sendo a última edição organizada pela equipe 2017-2018. É com alegria que passamos às mãos de um novo grupo de discentes - democraticamente eleitos entre seus pares e que seis dos sete membros são mulheres - do programa de Pós-graduação em História da UFMG, o gerenciamento da revista e a organização de seus próximos três números. A publicação deste número também é marcada pela intensificação do estado de exceção vivido no Brasil, de ataque à democracia, de cortes no financiamento de áreas essenciais - educação e saúde - e de exacerbação das desigualdades sociais.

Esperanças de que tempos melhores virão - não sem lutas - desejamos a todas e a todos uma excelente e proveitosa leitura!

31 de maio de 2018

Ana Carolina Rezende Fonseca
Isabela Cristina Rosa
Jéssica Bley da Silva Pina